

## Homilia do 25º Domingo do Tempo Comum – Ano C

Queridos irmãos e irmãs, nossa Liturgia de hoje nos vem de encontro para que façamos uma reflexão sobre o lugar que o dinheiro e os outros bens materiais devem assumir em nossas vidas.

Em nossa 1ª leitura, o oráculo do Senhor que nos é proposto é uma denúncia das atividades daqueles que exploram o pobre, o espezinham, querendo assim eliminar os humildes da terra. É a esses que o profeta Amós irá denunciar, comerciantes sem escrúpulos, dominados pelo espírito do lucro e, preocupados em ampliar sempre mais suas riquezas explorando a miséria e o sofrimento dos pobres. Adulterando pesos, balanças, medidas, como também aos produtos misturando a estes as cascas com trigo. Não zelam pelo dia do Senhor, o sábado, pois, é nesse dia que fazem tais trabalhos de adulterações. Compram a preço irrisório os produtos dos agricultores e vendem a preços exorbitantes aos pobres. Deus não está disposto a ser cúmplice desta injustiça e exploração, pois, trata-se de uma violação grosseira a aliança. Qualquer crime cometido contra os mais pobres é um crime cometido contra Deus. Por isso, Amós avisa: Deus não está do lado de quem, por causa da obsessão do lucro, escraviza os irmãos. A exploração e a injustiça não passam em claro aos olhos de Deus ora, dizer que Deus não esquece significa que Ele vai intervir e acabar com esta situação de injustiça e exploração. A fórmula solene de juramento: “o Senhor jura pelo orgulho de Jacó, conforme o vers. 7” exprime o caráter irrevogável da decisão de Deus.

A mensagem central de nosso Evangelho apresentada em encontro com nossa 1ª leitura, gira em torno da sábia utilização dos bens deste mundo: eles devem servir para garantir outros

bens, mais duradouros. Jesus falará a quem devemos servir: ser a Deus ou ao dinheiro e contará aos discípulos a parábola do administrador astuto, esperto diante da situação que irá enfrentar ao ser despedido. Na primeira parte do Evangelho, a parábola nos mostrará a atitude do administrador que diante da perda do trabalho, resolve diminuir a dívida dos devedores de seu patrão. Na verdade ele não prejudicou o patrão como podemos pensar os 50 barris de óleo e as 20 medidas de trigo que tirou da dívida eram os lucros dele, pois, como não tinha salário lucrava aumentando a dívida dos devedores. Então ele abriu mão de seu lucro para assim ganhar a simpatia desses devedores. Com isso, o patrão elogiou sua atitude que troca o dinheiro que possui um valor relativo por outros valores mais significativos – a amizade, a gratidão. Jesus conclui a história convidando os discípulos a serem tão hábeis como este administrador (vers. 9): os discípulos devem usar os bens deste mundo, não como um fim em si mesmo, mas para conseguir algo mais importante e mais duradouro (o que, na lógica de Jesus, tem a ver com os valores do "Reino").

Na segunda parte do texto (vers. 10-13), Lucas apresenta-nos uma série de "sentenças" de Jesus sobre o uso do dinheiro (originariamente, estas "sentenças" não tinham nada a ver com o contexto desta parábola). No geral, essas "sentenças" avisam os discípulos para o bom uso dos bens materiais: se sabemos utilizá-los tendo em conta as exigências do "Reino", seremos dignos de receber o verdadeiro bem, quando nos encontrarmos definitivamente com o Senhor ressuscitado. O nosso texto termina com um aviso de Jesus acerca da deificação do dinheiro (vers. 13): Deus e o dinheiro representam mundos contraditórios e procurar conjugá-los é impossível. Os discípulos são, portanto, convidados a fazer a sua opção entre um mundo de egoísmo, de interesses mesquinhos, de

exploração, de injustiça (dinheiro) e um mundo de amor, de doação, de partilha, de fraternidade (Deus e o "Reino"). Onde estão, aqui, os valores eternos e duradouros.

A nossa 2ª leitura, da Carta de São Paulo a Timóteo, deixa claro que a oração não pode ser a expressão de uma vida vivida em "circuito fechado", em que aquele que é fiel apresenta a Deus, exclusivamente, os seus problemas, as suas questões, os seus desejos, os seus pedidos, e em que, eventualmente, lembra a Deus aqueles que lhe são próximos; mas a oração tem de ser a expressão da comunhão e da solidariedade daquele que crê com todos os irmãos espalhados pelo mundo inteiro - conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos, bons e maus. Todo o fiel que crê em seu diálogo com Deus, tem de deixar transparecer a ilimitada capacidade de amar e de ser solidário com todos os homens. A oração só faz sentido se for a expressão de uma vida de comunhão - comunhão com Deus e comunhão com os irmãos. Portanto, não é impossível rezar e, ao mesmo tempo, cultivar sentimentos de ódio, de intolerância, de racismo, de divisão.

Irmãos e irmãs, nossa liturgia nos deixa claro que devemos sempre buscar os tesouros do Reino, pois nesse mundo estamos de passagem e dele nada levaremos. E buscar esses tesouros é sabermos que a salvação não é monopólio ou privilégio de alguns, mas um dom universal que Deus oferece a todos os homens, sem exceção. Esta universalidade acentua a nossa ligação, a nossa solidariedade a todos. Que sejamos como Jesus orienta seus discípulos, astutos, espertos e atentos às ciladas do antigo inimigo que quer nos oferecer no mundo tantas facilidades no dia a dia. Que possamos através de nossa oração discernir a quem realmente desejamos e queremos servir.

Que Maria, nossa Mãe e intercessora ajudem-nos sempre pela oração a adorarmos somente a Deus e, só a Ele servir